

Jornal das Senhoras – Tomo I - 11 de abril de 1852 - Edição 15

Link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=133>

TOMO I – DOMINGO 11 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

### **PALAVRAS DE UM PAROCHO A UMA NOIVA.**

Muito breve, minha filha, ides deixar o véo de virgem, o tecto paterno e as descuidosas occupaões da vossa mocidade, pelas occupaões muito mais sérias e muito mais importantes de esposa e de mãe de familia. O casamento!... A philosophia e a religião concebem este acto da vida social de uma maneira bem differente. O philosopho, querendo apresentar-vos o lado mais brilhante desta união, vos dirá: o casamento é o complemento e a realidade das affeições de dois corações que se dedicão um para o outro, para se fazerem mutuamente felizes nesta vida.

O christianismo vos dirá alguma cousa mais do que isto; elle vos ensinará que ides celebrar na terra um contracto que se sanciona no céu; que este acto eleva os dois esposos até Deus; que uma effusão de graças sahirá do altar, a cujos pés se vão prostar para contrahir a sua al-liança indissolurel; elle vos dirá que este acto é santo, é sublime, é celeste; que a religião o sauctifica, o espiritalisae purifica de tudo que nelle ha de carnal e puramente humano; elle vos dirá que quem faz tudo isto é o valor do sangue de Jesus Christo, a cujo preço foi instituido este Sacramento.

Acreditai-me, minha filha, se Deus não intervier neste negocio, se o amor conjugal só fôr philosoplrico e não christão, se nelle não houver mais nada que o coração humano, então a base desta união é bem fraca, bem movidiça, e bem precaria! ... O que é, minha filha, o amor humano quando não se basêa sobre o alicerce immutavel e firme do amor de Deus, do temor da Divindade, e dos deveres sagrados e responsaveis perante o Céu? Se o amor conjugal não tem outra segurança que a que lhe dá o coração humano; dizei-me? o que ha no mundo menos seguro do que esse humano? Esse pequeno golfo, de sangue tempestuoso, onde as effeições violentas,

como as vagas do mar, engolem-se umas as outras, e succedem-se umas apoz as outras! Esse despota caprichoso que quando é movido só pelas suas sympathias, pelos seus palpites e suas inspirações, aborrece hoje o objecto que a um mez já lhe era indifferente, e que a dois mezes amava ardentemente!... Eis o que é o amor

– 15 –

– 113 –

Philosophico!... Ao mesmo tempo que uma idéa eterna, um sentimento sobre-natural da religião, uma cousa que está acima da natureza é o que gera, é o que nutre, é o que fructifica o amor conjugal christão.

Lembraí-vos, minha filla, que a benção de Deus vai pairar sobre a vossa cabeça; que ella dará os seus fructos se comprehenderdes christãmente este acto, a qual o christianismo vai presidir para sanctificar e aperfeiçoar o vosso amor; lembraí-vos que Deus vos creou um para o outro e ambos para si.... Conservai essa benção Sacramental. para que ella chegue e passe a vossos filhos.

Nunca esqueçaes que é diante de Deus, em face do Céu e junto do altar santo, nas mãos do ministro da religião, que ides pronunciar um juramento que vos liga na vida até á morte aos deveres do vosso estado; e esses deveres são os deveres para com vosso marido, os deveres para com vossos filhos, e os deveres para com vossos escravos: estes tres objectos vão fazer a materia da instrucção que vou dar-vos.

*(Continua.)*

---

## A TARDE.

### DIVAGAÇÕES.

Eis a hora da meditação e melancolia! hora em que o sol transpondo o cimo das serras declina sua carreira para as regiões das sombras! Hora de poesia e encanto, em que a flor suave e melanclicamente embalando-se no estremecer da brisa abre seu seio, e recolhe em seu calix o orvalho da noite! hora enfim em que a alma cheia de inspirações começa a exalar-se suavemente em canticos de amor!

Sim, é nesta hora que eu, a sós com o meu vago e duvidoso imaginar, procuro minorar: a saudade que sente meu coração! Oh! quem poderá comprehender toda a força deste sentimento suave e melancolico? Só aquelle que uma vez tiver amado, não com esse amor banal da louca mocidade, porêem sim com esse amor pu-ro, santo e idolatra, com que se adora a Deus! Só essé poderá bem avaliar toda a intensidade desse sentimento terno e suave!...

Saudade! dolorosa companheira da sensibilidade penalizada! companheira inseparavel de minha vida, que affectos melancolicos e suaves esparges em minha alma transportada! que imagens deliciosas espraiaes por diante de meus olhos! que vagas, que puras, que aéreas, que indifiniveis harmonias as que derramas em meu coração! Oh! vem ó terna saudade, vem despertar em minh'alma esse passado tão cheio de delicias e encantos.

Deixa-me gozar, ainda que só por pensamentos, essa ventura tão agradável que me anima, me cousola e exalta, approximando-me até de Deus!

Sim, faze que eu goze muitas vezes essas delicias indesiveis, que são para o meu coração tão mellifluas, como o amoroso suspirar da enamorada brisa docemente gemendo entre o mimoso regaço das flores; tão necessarias ao meu viver, como é para as mesmas flores o derradeiro orvalho de uma macia noite da primavera; tão agradável á miuha aluta como a brandaaragem de uma linda madrugada.... Oh! nestes momentos, por maior que seja meu infortunio, eu não me considero desgraçada porque, no meio do men triste padecer, parece-me ver lá de cima do céu a Virgem Santa abençoar o infeliz.

*Candilia.*

---

POESIA.  
AOS MEUS ANNOS.

---

I.

Nos ephemerous gozos da ventura.  
Engoltada nos prazeres sumptuosos,  
A que ha sido feliz, que venturosa  
Decante o sou natal... Emquanto eu, triste  
Blasphomando muidigo esa bora horriavel,  
Em que vim me assentar à fatal mesa

Do banquete da vida, onde bei sorvido  
Em taças transbordando d'infortunios  
O viperio amargor dostas existencia....

Oh! quatorze infeliz de fevereiro,  
Anniversario do natal saudoso  
Daquella que se enluta p'ra saudar-te!  
Tu excitas nest'alma reminiscencias  
D'um preterito cheio de venturas  
Que contrasta com o meu fatal presente!  
Saudosa e triste soffrendo  
Meu presente angustiado,  
Eu daria o meu futuro  
Por un'hora do passado!  
Dos gratos prazeres passando-se os tempos,  
Quaes breves se escoño sorrisos de amores,  
Chegou-se o presente, que en soffro e renego.  
Que lento caminha cercado de horrores!...

Nossa época feliz que anniquilou-se  
D'improviso p'ra sempre, eu orgulhosa  
Disputava da vida a flicidade  
A's mais felizes, que se orgulhão hoje  
Em contemplar-me, disputando horrores  
A's mais tocantes presas do infortunio!.... Nessa época feliz e venturosa  
Alegres trages me adornavão sempre,  
Sorrisos de prazer, expressão maga  
Da flicidade que embalava est'alma,

– 114 –

Vagueavão constantes por meus labios!  
Mas hoje a mais cruel methamorphose  
Revella o men seniblant e os meus vestidos!

Doridos ais no desespero sólto,  
Ardente pranto me incendia as faces,  
Feb icitante ardor me escalda a mente,  
Lutuosas vestes meu corpo envolvem .....  
    Já de gallas meu corpo adornei,  
    Já vibrei venturosa esta lyra,  
    Hoje qual negro espectro da morte  
    Na tortura o meu canto s'inspira!...  
A aurora eu saudava, outr'ora sorrindo,  
Que o meu natalicio marcava brilhante;  
Mas hoje a mailigo, porque me entutando,  
A vejo cobrir-se d'um véo negrejante.....

## II.

Habitantes dos tumulos, sobre os campos  
Juncados d'esqueletos e cyprestes,  
Uni vossas mortalhas carcomidas  
Pelos vermes immundos...destendei-as;  
E a um banquete horrivel preparai-vos.  
E depois embocando d'improviso  
De Jesaphat a tuba aterradora,  
Convocai, a convivas d'uma orgia  
De sangue e de carnagem, essas ossadas,  
Confundidas no pó dos cemiterios....  
E quando os vossos echos o meu nome  
Mandar da terra aos antros cavernosos,  
Ronque o forte aquillão, e de tal sorte,  
Que arranque os argilosos monumentos,  
Ao rigor insensíveis das tormentas,  
Da solidez da terra que os basêa....  
E seja esse o festim com que os espectros  
O meu triste natal commemorando,  
Faça o mundo saber o quanto soffro

Aos martyrios entregue da orphandade!....

A. J. P. C.

Ilha das Cobras, 12 de Fevereiro de 1852.

Muito nos honra a nossa nova e digna collaboradora com a continuação das suas interessantes poesias. Não vai o seu nome pôr extenso por precisarmos ainda de autorisação.

---

### CHRONICA DA SEMANA.

---

Era costume antigo, e ainda hoje, os cavalheros ao chegarem á praça cortejarem o publico á direita e à esquerda, para depois enristarem a lança e entrarem nos *sempre admiraveis exercicios* dos moringues quebrados com pombinhos voando, cabeças de papelão disputadas á ponta de espada entre mouros e christãos, e outras muitissimas cousas que não vale a pena referir, e por fim a enfiagem das *encanotilhadas* argolinhas, com o que acaba a festa, e passe por lá muito bem.

Assim tambem, é costume cada escriptor dirigir tabelioas reverencias aos seus pios leitores, contar-lhes mundos e fundos, dizer perolas em letra redonda, e por fim entrar em materia, conforme Deus é servido, e o Espirito Santo o insufla como fogo do Seu Divino Amor, para o que muito ajuda ouvir devotamente a missa chamada - do Divino.

Tambem está em moda qualquer chronista querer passar por velho, ainda mesmo que seja um guapo rapagão, ainda mesmo resumbrando seus escriptos todo o fogo e verdor da mocidade. O que elles procurão com isso, não sei.

E vejão agora; eu não sou cavalleiro que enriste lanças, cortejando à direita e esquerda, porque, naturalmente vexada, receio enganar-me nos cortejos, mais para um do que para outro lado, e passar por injusta ou parcial, do que tenho muito medo; nem sou escriptor que diga perolas, porque nenhuma instrucção, louvado Deus, tenho para isso; nem chronista que queira passar por velho, porque entendo que não nos devemos apadrinhar com o credite alheio para dizermos o que sentimos, uma vez que somos responsaveis pelos nossos pensamentos palavras e obras perante Deus e a sociedade.

Sabei portanto que sou mulher, bem moça; tenho sómente 22 annos; não sou casada, nem solteira, nem aggregada; não tenho pretenções de litterata, nem me acompanha a mais

pequena idea de que os meus escriptos agradem.... Quereis vós que vos confesse o meu fraco? Pois elle ahi vac. Tenho ardente desejo de ver como sahem as minhas *garatujas* em letra redonda, e se ficão parecidas com muitas outras que eu leio, e acho-as tão bonitas.... Se assim não acontecer, e ellas não me agradarem, tambem não vos encommodarei mais.

Escolhi para a minha estreia, fazer a chronica da semana e offerece-la ao *Jornal das Senhoras*, submettendo-a antes ao juizo da sua redactora em chefe; se virdes porem que não tem cabimento, rasgai-a, ou ponde-lhe uma pedra em cima, para ter a honraria de papel archivado.

Ella ahi:

A semana, contra a vontade de muita gente fina e grossa, principiou tormentosa com chuva a cantaros, muitas constipações e febres catarraes, segundo informa o medico cá da casa, ancião prudentissimo, que cura.... não digo bem, que receita por todos os systemas conhecidos, com tanto que lhe surtão bom effeito; e não fica mal com ninguem, porque sempre caminha ao gosto do doente, dos parentes, dos amigos da casa, e até dos famulos, que é para lhe não acontecer o que ha dias teve logar entre um medico e um caixeiro. Indo este encommendar cartas

– 115 –

de convite para o enterro de sua ama, perguntou-lhe alguem - Que! pois morreu D. Fulana! - Qual morreu, senhor, respondeu o caixeiro, foi o medico quem a matou. - E livrem-se lá destes linguarudos ignoratões. Bem faz o meu velho doutor.

Com effeito indo eu á igreja do Carmo confessar-me quarta-feira de trevas (santo e proveitoso costume que devo aos meus queridos pais) lá presenciei o que se me havia dito: tossião e fungavão sem cessar moços, velhos e crianças, tormentosamente! Ainda mais uma vez tive de lastimar a falta de policia e a pouca reverencia que ha na maior parte das nossas igrejas! Digo-vos, queridas leitoras, que em breve me apre sentarèi chefe de um - nós abaixo assignadas - que pretendo dirigir em nome do nosso sexo ao Exm. e Revm.Sr.Bispo pedindo-lhe que, em attenção á nossa santa religião e ao respeito que lhe devemos consagrar, S. Ex. se digne influir com a sua alta preponderancia e bons conselhos, para que as irmandades, ordens terceiras e conventos, de uma vez para sempre extingvão em suas igrejas o inconsequente e improprio costume de nos obrigar a estar horas inteiras de joelhos ou assentadas, em chão raso, e muitas vezes sobre um ladrilho frio e pernicioso á mais robusta saude, mudando os seus tapetes em ordens de bancos fixos para homens e senhoras separadamente, onde cada um christão possa

orar no Templo de Deus sem testemunhar as *distincções* tão prejudiciaes aos dogmas da igreja. Para o depois eu vos provarei a grande conveniencia moral da extineção deste velho costume.

Desta vez todas as igrejas da nossa capital commemorarão a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo com toda a religiosa formalidade da Santa Semana. Não preciso referir-vos o luxo e o esplendor da Capella Imperial e das ordens terceiras da Penitencia, Carmo e S. Francisco de Paula, porque vós já o sabeis: as duas solemnes e magestosas procissões do Senhor mor to attestão o ardor e zelo catholico destas ordens. Já vistes no Carmo o riquissimo lençol do Esquife? Oh! vêde que vale a pena; todo elle é uma só renda de quatro palmos de largura, delicado e precioso trabalho das mãos de uma fluminense, representando com a maior perfeição todos os martyrios da sagrada Paixão e no meio o emblema da ordem guarnecido de outros accessorios artísticos de sumino gosto.

Não posso deixar de observar aqui a completa indiscripção das senhoras *em situação interessante*, que se deixão arrastar pela curiosidade para se irem expôr a consequencias fataes entre o tumulto e os apertões das igrejas e das procissões! Ora, o que vão fazer ahi meninos de tres annos e crianças de peito a chorar desesperadamente!... Serão verdadeiras mais as que praticão tal imprudencia? Verdade é que, nós mulheres quando embirramos, tambem somos bem boaszinhas.... E *ninguem nos diga nada*.

As confeitarias da rua do Ouvidor, na fôrma do especulativo costume, enfeitarão-se com as suas sedas e galas de assucar em ponto, e estão bonitas. Em algumas o sortimento de cartuxes, caixas e caixinhas é exquisito e cubiçoso; vale a pena trocar meia duzia de mil réis por uma destas *tetéias* que sem duvida podem ter ingresso no perimnado toucador da mais caprichosa elegante. Algumas lojas de modas entenderão tambem assim mudarão as suas vidraças de rendas e sedas para mostrador de caixinhas de amendoas.

Os sorvetes subirão de preço: já não custão mais 200 rs. Para acompanhar os absurdos da terra, elles vão encarecendo á proporção que o tempo refresca.

O beneficio de Mme. Barbieri que nos ia dar uma noite de bellas recordações, suaves e melodiosas, entre as vozes harmoniosas da Sra. Candiani, Deperini, Amat e outros professores, para depois nos pòr em cuidados ao choque de dous floretes atirados por ella e o Sr. Gama, e mais tarde offerecer-nos os prazeres de um baile no salão da antiga Philharmonica, que Deus haja, não teve por ora lugar. Esperamos impazientes por essa noite de delicias.

Chovêrão annuncios de livros sagrados á venda, e pouca gente se confessou esta quaresma; donde virá o mal, do remedio ou da molestia? Ha boticarios sem consciencia que podem preparar mal suas drogas, e tornarem-se prejudiciaes ao corpo e á alma; isso assim é. Regulamento de salubridade espirital com elles.



Pelo paquete inglez *Severn* e os que chegarão de Montevidéo durante a semana, além das noticias políticas em que não nos devemos entrometer, ha de mui saliente o magnifico baile dado em Montevidéo pelo Sr. conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão na noite de 14 de março, annos de S. M. a Imperatriz, ao qual concorrêrão todas as pessoas gradas do paiz, os nossos primeiros officiaes do exercito, da armada, os representantes do povo e os ministros estran-

## JORNAL DAS SENHORAS

### ROMANCE

*Sem palavras*

Noronha







– 116 –

geiros. Sinto, por falta de espaço, não poder descrever essa esplendida função, em que o Sr. conselheiro desenvolveu um luxo não commum e uma magnificencia igual ao bom gosto de que era acompanhada. Devia ter sido um baile brilhante e completo. Desejára ver-me em um destes interessantes bailes, entre as bellas e gentis montevidéanas.

Já está morando no Catette, na casa do Sr. Ratton, Mme. Rosina Stoltz, passageira do *Severn*, que nos vem curar os nossos ouvidos e os nossos olhos, graças a Deus, com sua meliflua voz e o seu porte comico. Se sua voz não tem desmerecido, eu a ouvi o anno passado em Lisboa; arrebatava os corações e prendia a attenção até do mais emperrado dorminhoco, cousa bem difficil de alcançar.

Tambem chegou o baixo profundo Bianchi de Mazzoleti, e estão contractados, o tenor Basadona e o baritono Eduardo Ribas. Desta maneira não teremos razão de queixa: o theatro provisorio em breve nos dará excellentes espectaculos e os amadores serão satisfeitos. Estou anciosa para ver e ouvir tudo isto em scena.

Vou dar-vos, queridas leito as, uma noticia de Constantinopla: não penseis que é a chegada do turco Rennani com nova carregação de pastilhas do Serralho e vidrinhos de excencias, é a mui seria noticia de haver a Turquia decidido a questão do Santo Sepulchro concedendo-se iguaes direitos em tal assumpto a todas as religiões christas. Preparaes as vossas esmolos.

E preparaes os vossos ouvidos e os vossos *toilettes* para o theatro e os bailes que vão reapparecer daqui em diante com toda a magia do seu esplendor.

Até outra vez.

Querida Redactora, o dito dito: pedra em cima se não achardes em termos estas garatujas, ou então deixae ir com a seguinte assignatura.

9 de Abril 1842.

---

**MISTERIOS DEL PLATA. (\*)**

Com o mundo começou uma luta que só  
com o mundo mesmo acabará, não antes:  
a do homem contra a natureza, a do espírito  
contra a matéria, a da liberdade contra a  
fatalidade. A história não é outra coisa que  
a relação desta interminável luta.  
MICHELET, História de França.

**TENTATIVA.**

O dia, que succedeu a noite que deixamos transcripta, amanheceu triste e nebuloso;  
fortes

**(\*) Vide o n. 14,**

chuviscos, acompanhados de violentos tufões de vento, vinhão de quarto em quarto de hora, promettendo que pela volta da tardinha, chegaria o minuano para dissipar as ultimas nuvens da tempestade.

A distancia que separava o mosteiro do Paraná, era assás curta, porém as estradas, convertidas em lagoas, apenas começariam a esgotar-se durante a noite, é o juiz de paz com a sua gente tinham que esperar ainda um dia para porem-se a caminho.

Passou o dia inteiro sem accidente: o preso com sentinellas á vista, sua mulher e seu filho a seu lado. O juiz de paz e o *Juri improvisado*, de posse do melhor quarto do convento, jogavam, conversavam em politica, e bebião *mate*; o resto da gente cuidava dos cavallos, assavam grandes pedaços de carne, apromptando o jantar da comitiva toda.

Simão, concentrando todas as suas faculdades, meditava o grande projecto, e Miguel, já mais tranquillo, simulava zelosa vigilancia sobre Alsina.

Chegou a noite, fria, porêm serena e estrellada; o minuano soprava brando, as nuvens em grosso tropel corrião impellidas do vento, deixando grandes espaços do céu azul, onde brilhavão fulgurantes estrellas; os insectos chiavão entre as humidas ervas, e na alta solitaria torre pousava fatidica coruja, que lançava ao ar seu gemido de morte.

Pela terceira vez resoa no silencio da soledade triste e mysterioso canto dos gallos.

Os moradores do campo sabem que é meia noite.

As sentinellas do preso mudão-se; essa guarda deve permanecer até ás quatro horas da madrugada - Simão e Miguel pegão na espingarda e vão collocar-se ao pé do derrubado altar.

A. Sra. de Alsina olha para os dois homens, que acabão de por-se defronte do preso; seus olhos encontrão os do velho lanceiro; um relampago de esperança cruza as trevas da desesperação; D. Antonia estrêmece e seus olhos procurão a outra sentinella:

Os grandes expressivos olhos de Miguel the dizem tantas cousas!... Consolações, promessas, a necessidade de ser perdoado, tudo explica o ardente moço com um só olhar! D. Antonia dobra os joelhos novamente, e a sua alma inteira vò a nas azas do amor e da gratidão até ao seio de Deus, que nunca os desgraçados invocárão em vão.

– 117 –

O silencio profundo do deserto, o pouco costume de velar, o frio da noite, tudo contribue e predispõe os gauchos ao somno com frequentes bocejos estrepitosos; apoiados nas espingardas, fechão os olhos, mau grado seu; outros espreguição-se e encostão a cabeça ás columnas.

Quanto maiores esforços fazem os preguiçosos sentinellas, mais parece redobrar o somno.

Miguel vae a um por um dos seus camaradas, convida-os a irem descansar - elle e seu companheiro são sufficientes para guardar o preso, que de mais a mais está carregado de ferros.

Quem poderia desconfiar do mensageiro do governador?!

Os gauchos largarão as armas e apressarão-se em reunir-se aos seus outros companheiros que Já resonavão esterçados..

Tudo dormia debaixo do tecto do abandonado mosteiro! O mesmo Julião, o espião mysterioso, cede ao torpor irresistivel do somno.... espesso véo o separa das suas criminosas ambições e sua cabeça, encostada em uma das mãos, lucta em vão, ficando em breve immovel e entorpecida de baixo do narcotico poderoso com que a natureza paraliza por momentos as magoas dos infelizes, os delirios dos criminoso.

A Sra. de Alsina, murmura algumas palavras no ouvido do intelligente menino; Adolfo está em pé, e sua mãozinha, que aperta o coração, parece querer comprimir-lhe a acceleradas pulsações.... O proscripto tambem abre os olhos parecendo mais admirado que satisfeito.

Simão e Miguel eutregão as espingardas á corajosa Senhora, e elles dois carregão o peso com a possivel precaução; Adolfo ajudava a levantar os ferro de seu pae, e todos se põe a caminho, com passo leve e receioso olhar.

Uma pequena porta existe por detraz do altarmór, a qual abre communicaçãoa um vasto salão, que sem duvida devia ter sido em outro tempo a sacristia, outra porta leteral d'este salão abre sobre um corredor, no fim deste, outra vasta sala, e ahi um grande portão em ruinas que dá sobre o campo.

Esse caminho seguirão os fugitivos. Ali cahirão os grilhões de Alsina, e ali esperavão aparelhados a curta distancia tres fogosos cavallos corredores.

Em um instante, o Dr. Alsica monta a cavallo; Simão toma o menino nos braços, o colloca dian-te de si, e prepara as esporas; Miguel pula subre o terceiro cavallo, e D. Autonia, sentando-se na garupa, deixa o seu joven companheiro segural-a a si, com uma volta do ponche.

Isto tudo foi tão instantaneo, tão rapido, que não trocárão palavra alguma; e Alsina começa a marchar, sem perguntar para onde Simão os guiará.

Affastão se a passo e com precaução, que os intelligentes cavallos parecem comprehender, pela ligeireza com que caminhão sobre as humidas ervas.

A esperança, essa fada mysteriosa e consoladora dos que soffrem, tambem os afaga com seu mentiroso sorriso....

Mas, lá vão, elles seguindo o velho soldado, semelhantes ao perdido viajante, que ávido encaminha os errantes passos ao tremulo reflexo da fugitiva estrella, que unica brilha na noite procellosa da tempestade....

Um homem porém os viu partir....! qual espirito infernal, lá reluz nas trevas seu olhar de fera!

Esse homem era Julião!

## A OCCASIÃO DO AMBICIOSO.

Adormecido por breves instantes, leve bulha fez tremer o ambicioso espião; abre seus olhos, olha em roda de si e encontra a Igreja deserta ! O avermelhado e moribundo clarão da quasi extincta fogueira, revelava-lhe a verdade.

Nada mais facil que com um grito de alarma, despertar a gente, porém Julião não quer isso; todo tremulo, vae pé ante pé, revista a Igreja, tudo está deserto.... de improviso a pequena porta, que está por detraz do altar-mór, se offere-ce aos seus olhos, entra, transpõe o primeiro salão, depois o corredor, e chega ao grande portão meio derrubado.... chega mesmo no momento em que os fugitivos montão a cavallo.

Com toda a dedicação do odio, Julião comprehende que ao menor indicio seu n'aquelle mo-mento, está perdido; elle pensa comsigo mesmo - as estradas estão alagadas elles serão forçados a irem devagar; por isso continua em silencio, e depois quando principião a affastar-se, elle, amparando-se com as matas selvagens, os segue em certa distancia, quanto é sufficiente para ver a direcção que tomão.... Olha, observa.... vão para o río, diz elle. E então veloz como o raio volta ao mosteiro, acorda o mais escolhido da gente: a actividade silenciosa do moço põe em movimenio a todos, debaixo das ordens dadas a meia voz com esse tom pronunciado do commando, que não dá logar á replica. Em dez minutos os cavallos estão promptos e os homens lestos a marchar; então, satisfeito de si mesmo, Julião dirige-se ao apo-

– 118 –

zento onde o juiz de paz se entrega aos seus extravagantes sonhos; acordado de subito, persuade-se o bravo magistrado que um exercito de Unitarios invade o mosteiro e já procura um cantinho onde occultar-se; pergunta se são muitos, e é tal a sua perturbação, que enfia as mangas da jaqueta nas pernas, e as pernas das calças pelos braços á guisa de jaqueta.

Não é sem trabalho, que Julião chega a fazer-lhe comprehender que Simão e Miguel, são unica" mente os complices, os autores da fuga dos presos; exorta o digno juiz a vestir-se e partir com o resto da gente, enquanto que elle Julião á frente de homens escolhidos marcha sobre os traidores e sobre o selvagem Unitario.

Julião, parte, voa, salta sobre seu cavallo de carreira, e com a sua gente vae seguindo as pisadas dos fugitivos com meia hora escassa de differença.

Deitado sobre o pescoço do cavallo, Julião procura distinguir as pegadas dos outros cavallos na estrada; durante vinte minutos segue ao trote largo, sem que o detenhão, charcos nem arroyos, e só chega a sofrer a marcha, quando em uma pequena parada ouve ao longe o chafurdar dos cavallos no lamaçal; então, arranja sua gente melhor, marca um rumo através da obscuridade da noite, certo de ir no alcance dos traidores, como elle os chama, seu olhar de trigue profunda as trevas, e até chega a entrever os vultos dos perseguidos.

Um brio desconhecido o anima, a sua intelligencia parece redobrar, e respira já com todo o prazer do homem que attingiu seus fins....

Chegou a occasião que esperava! Já acredita ter a dois passos do seu sabre o odiado proscripto; e o seu sangue reflue todo ao coração pensando nesse momento de triumpho em que ha de ver derribado pela força do seu punhal o velho lanceiro, seu antigo adversario, e o odiado Miguel!

## PERIGO.

O primeiro crepusculo da alvorada, raiava ainda incerto no Oriente, e já se desenhavão a breve espaço as verdosas ribanceiras do rio.

Alsina pouco conhecedor dos caminhos, só á vista do Paraná comprehendeu o pensamento dos seus libertadores; seu coração batia de gratidão, e certa tranquillidade inefavel vinha, envolta na suave odorifera brisa da madrugada, refrescar as resequidas entranhas.... mas, o proscripto vira a abeça para medir com os olhos a percorrida distancia, e um gemidó involuntario de profunda magoa lhe escapa dos seus labios!

N'aquelle momento Julião solta as redeas ao seu cavallo e a voz de - Carga! Morrão os selvagens Unitarios - avança com a sua gente a toda brida!

Gritos freneticos de exterminio, resoão no deserto espantando os timidos passarinhos, que com seus gorgeios innocentes cantão todos os dias a volta do sol e a bondade augusta do Creador.

- Estamos perdidos! exclamou com indesivel amargura o velho lanceiro.

- Fugi! lhes gritou Alsina.

- Companheiro, disse Miguel, morrer ou salva-lo!

- Fugi! exclamou D. Antonia, e, atirando-se do cavallo abaixo, arrebatou com braço vigoroso seu filho dos braços de Simão.

- Senhora, disse o velho: mais tarde nos tornaremos a ver. E, dando de esporas ao seu cavallo e uma chicotada no cavallo de Miguel, affastárão-se em rapida carreira dos seus perseguidores.

Uma nuvem de balas foi disparada sobre elles.

O primeiro impulso da Sra. de Alsina foi ajoelhar-se com seu filho e dizer ao seu marido - foge! - mas o proscripto sem responder, deitou pé em terra e esperou os seus carrascos.

Julião, livido de fuor e de vingança não satisfeita, lançou-se sobre Alsina de sabre na mão; com tudo a Julião acontecia-lhe o que acontece a esses cães valentes, os quaes se, ao



lançarem-se contra alguém, são recibidos com o olhar fero e segura que lhes desafia a sua raiva e arrosta a sua arrogancia, elles metem o rabo entre as pernas, e com olhos ainda scintillantes de furor vão andando e ladrando, porêem affastando-se sempre; eis exactamente o que aconteceu a Julião, ficou com o sabre no ar, e encontrando seu olhar os intrepidos e arrogantes olhos de Alsina que máu grado seu o magnetizavão, desarmou-lhe o braco e contentou-se em dar uma gargalhada.... murmurando.

Selvagem! Unitario perverso.... agora estás nas minhas mãos e juro que havemos de chegar a Buenos-Ayres.

Alsina nada respondeu! Adolfo tremia.... D. Antonia não chorava, mas.... a desesperação de-vorara as suas lagrimas!

Erão perto das seis horas, quando o digno juiz de paz chegou com o resto da sua gente; por fim acertára com o verdadeiro local da sua roupa, vinha convenientemente vestido, e trazia uma pre-

– 119 –

sença tal, que elle procurava faze-la magestosa e terrivel.

Chegando ao grupo, que rodeava a familia de Alsina, apeou-se, e lançando-se nos braços de Julião, que se adiantára para o receber, tratou de fazer duas ou tres caretas, como de quem procura moderar o enternecimento, depois tomando a mão de Julião exclamou - Valente entre os valentes! vossos feitos immortaes serão relatados a S. Ex. o illustre restaurador das leis; esse pai da patria não duvido que saberá premiar os teus serviços como elles merecem. Enquanto chega esse momento, faço-te o meu segundo, na direcção e commando desta empreza; e no aziago acaso que o traiçoeiro punhal de algum selvagem Unitario, prive o paiz dos meus inuteis esforços, Paizanos! Eis aqui o meu successor!

A farsa sacrilega dos - vivas e dos morras - seguiu-se como de costume.

O momento da partida chegou.

A metade da gente voltou para a estancia com os cavallos, o preso, Julião, o juiz e dez homens escolhidos, entrárão no bote da sumaca, que es-tava fundeada no meio do rio.

A Sra. de Alsina e seu filho forão condemnados a ficar abandonados no bosque á mercê das feras.... era o castigo que o digno juiz de paz impoz ao proscripto por haver tentado quebrar os ferros com que o agrilhoava a tyramnia.

Alsina pallido e tremulo, não achava palavra alguma que dirigir aos seus carrascos.... sua constancia quebrava-se em presença de tão dura prova!.... por isso depois de dar alguns passos cahiu teso e frio, como um cadaver.

Supplicas, pranto, esforços desesperados, tudo foi inutilmente posto em pratica pela esposa do presionetro.... suas afflicções só servião de divertimento e de origem a grosseiros insultos!

Mas ella, a corajosa mulher, á vista do corpo inanimado que os carrascos levão com sigo, aperta o filho entre os braços e se interna no rio dizendo:

- Meu Deus , eu me confio em ti!

Pobre mulher!..... seus olhos fitos no bote que conduz Alsina, apertando seu filho adorado con-tra o peito maternal, segue intrepidamente o bote, só a algumas braças de distancia....

O bote atraca á sumaca.... a gente prepara-se a subir a bordo.

A agua chega a cintura de D. Antonia.... Meu Deus, disse ella, não me dessampareis! ....

Mais um passo, a agua chega-lhe ao pescoço; ella arreda... Piedade para meu filho! grita com voz rouca.

Morrão os selvagens Unitarios! lhe respondem de bordo.

- Alsina! grita com delirio a pobre mãe..... Alsina! Ah! elle não me ouve?.... se estiver morto? Alsinal... e a esta terceira invocação, mais pungente que as outras, dà ella mais alguns passos.... sustenta-se apenas nas pontas dos pés; o menino, desmaiado de terror, afrouza o braço com que se segurava ao pescoço de sua mãe.... A pobre mulher vacila... um véo lhe turva o olhar, um zunido funebre the vibra aos ouvidos.... a es perança a abandona... quer fallar, a voz está presa na garganta, e só pode soltar um gemido inarticulado e confuso.... mais um esforço para segurar-se, e está perdida mais depressa!

Ambos rolão debaixo da agua. O menino ao contacto do humido elemento torna a si, e sahindo á flor d'agua grita com toda a força do instincto da vida.

- Socorro! socorro ! Papai!

- Socorro! piedade para meu filho! ... Alsina!.. Socorre teu filho!

Estas vozes rompem o frio torpor que immobilisava o proscrito, essas vezes echoão no intimo de seu coração, abre os olhos.... mas o espectaculo que tem diante de si o fere de novo profundamente, e elle torna a cahir mais frio e inerte, que da vez primeira! E ao mesmo tempo que elle cõe sobre o convéz da sumaca, como um cadaver, os labios tremulos e arroxados, de uma mulher e de um menino, articulação com voz sumida e moribunda:

Socorro! Socorro!

Dois marinheiros Italianos lançáráo-se ao rio pela proa da sumaca.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

*(Continua.)*

---

Offerecemos com este numero ás nossas Assignantes a musica especial de um - romanse sem palavras - composição mui galante e de novidade, do maestro Noronha.

---

### **JORNAL DAS SENHORAS.**

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS: o primeiro numero de cada mez, vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E Comr. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIR n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PRECO DA Assignatura: Por tres mezes 30000 rs. na Còrte, 40000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

---

Rio de Janeiro, Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.